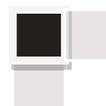


LIBRAS II





LIBRAS II

Bernardo Luís Torres Klimsa
Severina Batista de Farias Klimsa

APRESENTAÇÃO

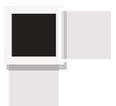
Cara (o) aluna (o)

Sejam bem vindos à disciplina de Língua Brasileira de Sinais II.

A partir de agora, vamos dar continuidade aos estudos em Libras, aprofundando os conhecimentos com novos conteúdos que irão complementar aqueles estudados anteriormente. Os temas escolhidos são muitos interessantes e instigantes e irão fazer com que você queira desvendar cada mistério do mundo dos surdos. Sabemos que você vai explorar cada assunto e, assim, tornar-se um profissional muito mais qualificado e habilitado quando do término deste curso, aproveitando para aplicar cada aprendizado em sala de aula com alunos surdos e ouvintes.

Mais uma vez, contamos com sua disponibilidade e interesse para aventurar-se nessa viagem fantástica que continua agora...

Para melhor organizar o conteúdo programático, a disciplina está estruturada em 4 capítulos que serão estudados ao longo de 60h/aulas. Veja como ficou a organização programática, o processo metodológico e avaliativo:



1 – Conteúdo programático

UNIDADE I – LIBRAS, QUE LÍNGUA É ESSA?

Carga horária: 10h/a

Objetivos: Iniciar os primeiros passos no estudo da Língua Brasileira de Sinais, desmistificando fatos e ampliando a visão para novos conhecimentos.

Conteúdo programático:

1.1 – Desmistificando a Língua Brasileira de Sinais.

1.2 – Nomenclaturas utilizadas na área da surdez.

1.3 - O alfabeto manual x datilologia

1.4 - Nome e sinal pessoal

1.5 – As saudações e os cumprimentos.

Metas:

- Desmistificar fatos equivocados sobre a Libras.
- Utilizar adequadamente a nomenclatura para a área de surdez.
- Diferenciar alfabeto manual da datilologia.
- Saber dizer seu nome e sinal pessoal em Libras, cumprimentando e saudando as pessoas.

UNIDADE II - ESTRUTURA GRAMATICAL DA LIBRAS 1

Carga horária: 15h/a

Objetivos: Compreender a estrutura gramatical da Libras.

Conteúdo programático:

2.1 – O processo de formação dos sinais

2.2 – Os pronomes

2.3 – Os advérbios

2.4 – Expressões interrogativas

2.5 – Numerais

Metas:

- Conhecer o processo de formação dos sinais em Libras.
- Utilizar corretamente os pronomes, advérbios e expressões interrogativas.
- Conhecer os numerais em Libras nos seus diversos usos.

UNIDADE III – ESTRUTURA GRAMATICAL DA LIBRAS 2

Carga horária: 15h/a

Objetivos: Compreender a estrutura gramatical da Libras.

Conteúdo programático:

3.1 – Os adjetivos

3.2 – Os Comparativos

3.3 - A forma condicional SI (SE)

3.4 – MAIS e seus contextos

3.5 – Os tipos de verbos

Metas:

- Compreender os processos de formação dos adjetivos.
- Utilizar adequadamente a forma condicional “SI” e o “MAIS” em contextos diversos.
- Utilizar corretamente os comparativos da língua.
- Conhecer e, posteriormente, utilizar os tipos de verbos em Libras.

CAPÍTULO IV – ESTRUTURAÇÃO FRASAL

Carga horária: 20h/a

Objetivos: Analisar os aspectos relacionados ao estudo da sintaxe das línguas de sinais.

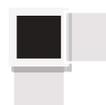
Conteúdo programático:

4.1 – Os tipos de frases

4.2 – As expressões faciais gramaticais e afetivas

4.3 – Sentenças negativas, afirmativas e interrogativas.

4.4 – Construções com aspectos: tópico e foco



4.5 - Estrutura da sentença em Libras: SVO como ordem básica, SOV, OSV e VOS como ordens possíveis.

Metas:

- Compreender os diferentes tipos de frases em contextos diversos.
- Diferenciar expressões faciais afetivas de expressões faciais gramaticais.
- Analisar as combinações dos sinais para a formação de estruturas mais complexas.
- Identificar a ordem básica da sentença, bem como as demais ordenações possíveis das sentenças na língua brasileira de sinais.

2 – Metodologia

Em cada uma das unidades serão adotados os seguintes procedimentos: exposição de conteúdos, levantamento de pontos para reflexão e discussão, apresentação de vários exemplos para ilustrar os conteúdos, apresentação de texto para leitura obrigatória e roteiro de análise.

Esse encaminhamento metodológico será feito através da filmagem das unidades contidas no material impresso (texto-base da disciplina).

As atividades individuais devem ser realizadas por todos os alunos, conforme as unidades vão sendo trabalhadas e postadas posteriormente no ambiente virtual.

3 – Avaliação

A avaliação será realizada por meio das atividades realizadas no ambiente virtual (moodle) e provas presenciais.

Abraços fraternos a todos e bons estudos!

Prof^o. Bernardo Luís Torres Klimsa
Prof^a. Severina Batista de Farias Klimsa
Professores autores

UNIDADE I

LIBRAS, QUE LÍNGUA É ESSA?

Desmistificando a Língua Brasileira de Sinais

Diversos autores, através de suas pesquisas na área, vêm mostrando claramente que as Línguas de Sinais podem ser comparadas em termos de complexidade e expressividade a quaisquer línguas orais, mesmo se pertence a uma modalidade diferente, são visual-espaciais, ou seja, são estabelecidas pelo canal visual (visão) e utilizam o espaço para estabelecer a comunicação entre os seus interlocutores.

As pessoas usuárias da Libras, sejam surdas ou ouvintes, podem estabelecer discussões sobre diferentes temas como: filosofia, política, esportes, literatura e da mesma forma, utilizá-la com função estética para recitar poesias, fazer teatro, historias, humor entre outras. A diferença da modalidade das línguas de sinais determina o uso de mecanismos sintáticos específicos diferentes dos utilizados nas línguas oral-auditivas, por exemplo, na língua portuguesa.

Uma dos mitos mais famosos com relação às línguas de sinais é a de que são Universais, visto que a universalidade ancora-se na ideia de ser esta língua um código que os surdos utilizam para se comunicar e, muitas vezes transmitir fatos da língua portuguesa, podendo até comunicar-se em qualquer lugar do mundo. Esse mito não é verídico, visto que do mesmo modo que as pessoas falam diferentes línguas orais no mundo, também as pessoas surdas em qualquer parte do mundo falam diferentes línguas de sinais.

O surgimento de uma língua em determinada comunidade envolve aspectos culturais e de interesses comuns, por isso os surdos brasileiros não podem falar, por exemplo, ASL – língua de sinais americana, nossa cultura e interesses nos diferenciam. Mesmo o Brasil e Portugal que possuem a mesma língua oficial oral, no caso dos surdos nascidos nesses países, suas línguas de sinais são diferentes, os surdos portugueses utilizam a LSP – Língua de Sinais Portuguesa e nossos surdos usam a Língua Brasileira de Sinais – Libras, do mesmo modo Estados Unidos e Inglaterra.



No Brasil também temos registro de uma língua de sinais utilizada pelos índios Urubus-Kaapor, que vivem na região amazônica.

Muitas pessoas acham que as línguas de sinais são apenas gestos e mímicas atribuindo a elas um caráter de artificialidade, mas ao contrário, são línguas naturais, pois evoluíram a partir de um grupo cultural, os surdos. Como exemplo de línguas artificiais temos o “esperanto¹” (língua oral) e o “gestuno²” (língua de sinais), essas línguas realmente foram criadas com um intuito apenas de estabelecer uma comunicação internacional, funcionando como língua auxiliar ou franca, planejada para fins comunicacionais apenas.

Quando pensamos em termos históricos, acredita-se que as línguas de sinais possuem origens ou raízes nas línguas orais. São poucos os registros a respeito dessas origens, mas em Wilcox & Wilcox (1997) encontramos argumentos de que há dois tipos de evidência que mostram o uso de forma natural das línguas de sinais pelos surdos. O primeiro vem de uma pequena comunidade próxima a Massachusetts, Estados Unidos, chamada Martha’s Vineyard, uma pequena ilha comunitária com elevado índice de hereditariedade de surdez, observado entre os séculos XVII e meados do século XX. O segundo tipo de evidência vem da França, um surdo, chamado Pierre Desloges, relata no livro *Observations of a Deaf-Mute*, em 1799, sobre a própria língua de sinais que utilizava e a defendia contra aqueles que desejavam bani-la.

A Língua de sinais americana bem como a língua brasileira de sinais tiveram suas origens na língua francesa de sinais. Nos Estados Unidos, o americano Thomas Hoppins Gallaudet sensibilizado com uma garotinha surda, Alice Cogswell de 8 anos, viaja a Europa em busca de novos métodos para ajudar no desenvolvimento educacional desta menina, visto que não confiava muito nos métodos para oralizar pessoas surdas.

¹ Em 1887, o russo Ludwik Lejzer Zamenhof, oftalmologista e filósofo, publicou a versão inicial do idioma com o objetivo de criar uma língua de aprendizagem muito fácil como língua franca internacional para os povos de todos os cantos do mundo. Sabe-se que nenhuma nação adotou oficialmente o esperanto como língua, mas registra-se um uso por uma comunidade de mais de 1 milhão de falantes. Atualmente é a língua auxiliar planejada mais falada no mundo. (Santiago, 1992)

² O nome gestuno tem origem italiana e significa “Unidade em língua de sinais”. Foi citada pela 1ª vez em 1951 no Congresso Mundial na Federação Mundial de Surdos. Em meados da década de 1970, o comitê da Comissão de Unificação dos Sinais propunha um sistema que unificasse os sinais mais compreensíveis, que facilitassem o aprendizado, a partir da integração das diversas línguas de sinais. (Moody, 1987; Supalla & Webb, 1995; Jones, 2001)

No Brasil, em 1855, um surdo francês, Ernest Huet, em comum acordo com o imperador Dom Pedro II, chega ao país e cria a primeira escola nacional de surdos, atualmente o Instituto Nacional de Educação de Surdos – INES na cidade do Rio de Janeiro.

As línguas de sinais são rodeadas no imaginário popular de vários mitos. Outro fato relevante em que se acredita é que estas línguas são ágrafas, ou seja, não possuem escritas. Na verdade até pouco tempo, as línguas de sinais não possuíam escrita, mas a ideia de representá-la graficamente surgiu em 1974, por Valerie Sutton, uma coreógrafa americana que fez uma espécie de transcrição dos sinais para utilizá-los com os passos de dança, isto de imediato chamou a atenção da comunidade científica dinamarquesa das línguas de sinais. Iniciam-se, então, pesquisas na área e, a partir desde momento, acontece o primeiro encontro de pesquisadores, nos EUA organizado por Judy Shepard-Kegel, e dele um grupo de surdos adultos aprendem a escrever os sinais do Sign Writing, a escrita dos sinais.

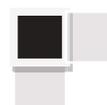
No Brasil o sistema ainda é um experimento e foi, a partir de 1996, que um grupo de pesquisa, liderado por Antônio Carlos da Rocha Costa, na Pontifícia Universidade Católica - PUC de Porto Alegre, começou sua caminhada para o desenvolvimento da escrita da língua de sinais brasileira e futuro reconhecimento legal.

NOMENCLATURAS UTILIZADAS NA ÁREA DA SURDEZ

A pessoa que tem surdez

Várias são as nomenclaturas utilizadas para nomeação. Mas, de fato, como podemos nos referir?

- Surda? Pessoa surda? Deficiente auditiva?
- Pessoa com deficiência auditiva? Pessoa com baixa audição?
- Portadora de deficiência auditiva?



- Pessoa portadora de deficiência auditiva?
- Portadora de surdez? Pessoa portadora de surdez?

Primeiramente não devemos nos reportar ao termo PORTADOR(A) para nos referir a esta pessoa como substantivo ou adjetivo de portar alguma coisa. Ter uma deficiência não significa que ela a porte. Tanto o substantivo portador quanto o verbo portar não se aplicam à condição inata ou adquirida da pessoa surda. O termo adequado e considerado pela comunidade surda é “Surdo” ou “Pessoa Surda”.

Surdez ou deficiência auditiva

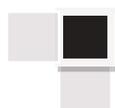
É muito comum atualmente, e isto é de conhecimento de diversas pessoas, que alguns surdos não gostam de ser considerados deficientes auditivos e algumas pessoas com deficiência auditiva não gostam de ser consideradas surdas. Também existem pessoas surdas ou com deficiência auditiva que são indiferentes quanto a serem consideradas surdas ou deficientes auditivas.

A língua de sinais

Quais são os termos corretos?

- Linguagem de sinais?
- Linguagem Brasileira de Sinais?
- Língua de sinais? Língua dos sinais?
- Língua Brasileira de Sinais?
- Língua de Sinais Brasileira? Língua de sinais brasileira?
- Libras? Libras? LIBRAS? LSB?

A língua de sinais, para início de conversa, é uma língua e não de uma linguagem. Por isso, não devemos utilizar os termos “linguagem de sinais” e sim “Língua Brasileira de Sinais”. Língua define um povo, como o povo brasileiro. Linguagem pode ter vários sentidos: linguagem visual, dos animais, corporal, musical, etc...



O intérprete da língua de sinais

- Intérprete da Libras? Intérprete da libras?
- Intérprete de Libras? Intérprete de libras?
- Intérprete da Língua de Sinais Brasileira?
- Intérprete da língua de sinais brasileira?
- Intérprete da LSB?

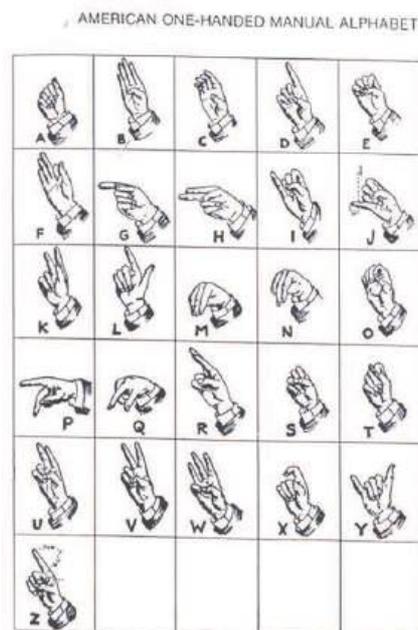


Os termos descritos acima estão todos corretos. O intérprete de Libras é um profissional capacitado e/ou habilitado para atuar quando se faça necessário em: escolas, palestras, reuniões técnicas, igrejas, fóruns judiciais, programas em televisão e/ou em vídeo, domicílios, ruas, lazer, turismo, ou seja, em situações formais e informais.

O alfabeto manual x datilologia

O alfabeto manual de Libras são formas de mãos que representam as letras do alfabeto. A datilologia é a soletração de uma palavra usando o alfabeto manual.

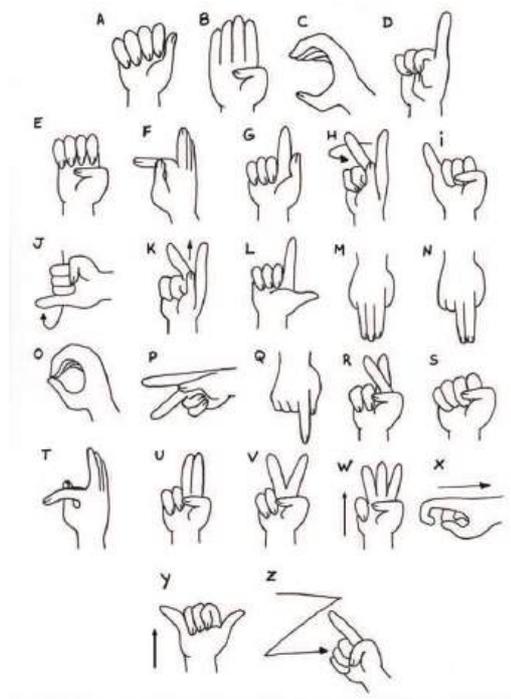
Do mesmo modo que algumas línguas orais possuem alfabetos diferentes, como é o caso da língua japonesa e chinesa, nas línguas de sinais, as formas de mãos para a formação do alfabeto manual também variam de país para país. Veja alguns exemplos a seguir.





A datilologia é mais usada para expressar nome de pessoas, localidades e outras palavras que não possuem um sinal específico.

Uma pessoa que não é surda pode usar a datilologia quando ela não sabe o sinal correspondente do que quer falar com outra pessoa surda e para que o surdo entenda do que se trata, devemos soletrar usando o alfabeto manual. Veja, abaixo, o alfabeto manual da Língua Brasileira de Sinais – Libras e compare com os outros alfabetos que foram mostrados acima.



Saiba mais...

Acesse os links abaixo e aproveite para treinar o alfabeto manual da Libras e conhecer diversos vocabulários no Dicionário on line.

<http://librasnet.com/alfabeto.html>

<http://www.acessobrasil.org.br/libras/>

Nomes e sinal pessoal

Quando nascemos, nossos pais escolhem nosso nome. O nome pessoal de cada pessoa não pode ser mudado, a não ser em determinados casos permitidos pela legislação nacional.

Para as pessoas ouvintes, identificamos as pessoas pelo nome e até memorizamos a voz das pessoas quando, por exemplo, se fala ao telefone. No caso dos surdos, eles conseguem identificar as pessoas visualmente, memorizando suas características físicas, mas é difícil para eles identificar o nome de uma pessoa pela leitura labial, afinal existem milhares de pessoas com os mesmos nomes.

Para suprir essa necessidade, a comunidade surda instituiu o Sinal Pessoal, ou seja, é uma espécie de nome em Libras. Esse sinal normalmente é escolhido de acordo com as características da pessoa ou por seu jeito de ser. O sinal pode ser dado por uma pessoa surda ou escolhido pelo próprio usuário. Mas, uma vez batizado, esse sinal não poderá ser modificado, visto que, como o sinal tem aspectos pessoais, é muito difícil encontrar pessoa, sejam surdas ou ouvintes, com sinais iguais.

1.5 – As saudações e os cumprimentos

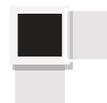
É comum as pessoas se saudarem em encontros formais e informais. Isto é um ritual que acontece em qualquer sociedade seja utilizando línguas orais como de sinais. Nas línguas de sinais, existem diversos sinais para saudar e também cumprimentar as pessoas.



CUMPRIMENTOS



BOM DIA





BOA TARDE



BOA NOITE



APRESENTAÇÃO



BEIJOS



TCHAU



CAPÍTULO II

ESTRUTURA GRAMATICAL DA LIBRAS 1

2.1 – Os parâmetros da Libras

Nas línguas de sinais, o termo “sinal” é utilizado para designar o mesmo que palavra ou item lexical como é nomeado nas línguas oral-auditivas.

Os sinais são formados pela combinação do movimento das mãos com um determinado formato em um determinado lugar, que pode ser uma parte do corpo (testa, tórax, rosto etc.) ou um espaço em frente ao corpo (espaço neutro). O conjunto destas combinações é chamado de parâmetros.

1. Configuração das Mãos (CM): são formas das mãos, podendo ser datilologia (alfabeto manual) ou outras formas feitas pelas mãos. Estas formas podem ser feitas pela mão direita para os destros, esquerda para os canhotos ou por ambas.

Exemplos:



TELEFONE



AVIÃO

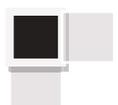


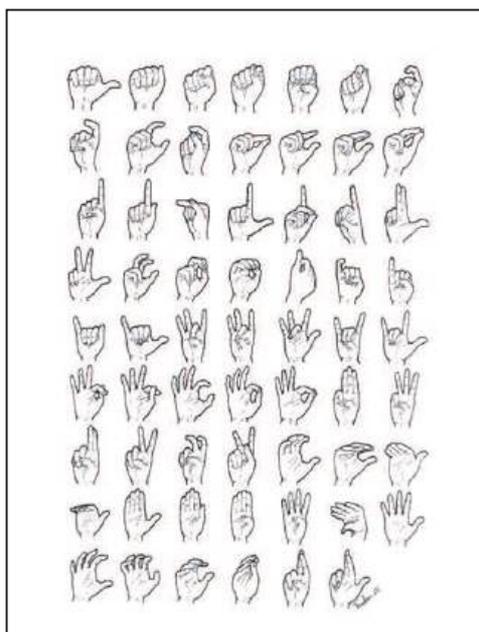
AVISAR



DESCULPAR

Diversos pesquisadores estudaram as configurações de mãos nas diferentes línguas de sinais. Na Libras, a mais importante referência que temos é a de Ferreira-Brito. A partir de cada uma configuração de mãos, inúmeros sinais foram criados.





2. Ponto de Articulação (PA): é o local onde incide a mão, seja direita ou esquerda configurada. A mão pode ou não tocar alguma parte do corpo ou estar em um espaço que vai do meio do corpo até à cabeça (espaço neutro) e horizontal (à frente do emissor).

Exemplos:

SINAIS FEITOS NO ESPAÇO NEUTRO:



TRABALHAR



TELEVISÃO



CADEIRA

SINAIS FEITOS NA TESTA:



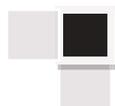
LEMBRAR



APRENDER



DIFÍCIL



3. Movimento: alguns sinais podem ter ou não movimento.

Exemplos:

COM MOVIMENTO



ANDAR



PULAR



CANSADO

SEM MOVIMENTO



CASA



AJOELHAR



EM-PÉ

4. Orientação: alguns sinais podem ter uma direção e a inversão desta pode significar ideia de oposição, contrário ou concordância número-pessoal.

Exemplos:



QUERER



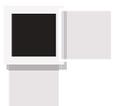
QUERER-NÃO



IR



VIR



5. Expressão facial e/ou corporal: aspecto bastante importante e diferenciador quando incorporados em vários sinais.

Exemplos:

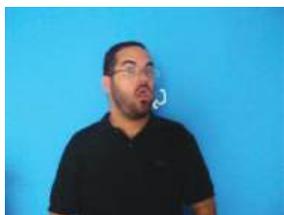


ALEGRE



TRISTE

FEITO APENAS COM A BOCHECHA



LADRÃO



ATO-SEXUAL

2.1 – O processo de formação dos sinais³

Na Língua Brasileira de Sinais, os sinais são formados a partir dos parâmetros como já vimos anteriormente. Estes quatro parâmetros são como pedaços pequeninos de sinais porque às vezes eles têm significados e, através de alterações em suas combinações, eles formam os sinais.

a) **a configuração de mãos** - pode ser um marcador de gênero (animado: pessoa e animais / inanimado: coisas).

Exemplo 1: PESSOA CL:G_k CARRO CL5_k, k'VEÍCULO COLIDIR_k
"O carro bateu em uma pessoa";



Veja exemplos no DVD

³ BRASIL. Programa de capacitação em recursos humanos do ensino fundamental. **A Educação de Surdos – Língua Brasileira de Sinais**. Volume 3. Série atualidades pedagógicas. MEC/SEESP. Brasília, 1997.

b) o **ponto de articulação** - pode ser uma marca de concordância verbal com o advérbio de lugar.

Exemplo 2: MESA_i COPO objeto-arredondado-COLOCAR_i

“eu coloco o copo na mesa”;



Veja exemplos no DVD

c) o **movimento** - pode ser uma raiz.

Exemplos 3: IR, VIR, BRINCAR.



Veja exemplos no DVD

A alteração na frequência do movimento pode ser uma marca:



De aspecto temporal: TRABALHAR-CONTINUAMENTE;



De modo: CHORAR-DEMASIADAMENTE,



Um intensificador: ESTUDAR-MUITO;

d) a **orientação** - pode ser uma concordância número-pessoal.

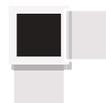
Exemplos:



{1s}AVISAR{2s} “eu aviso a você”



{2s}AVISAR{1s} “você me avisa”
ou um **advérbio de tempo**.



Exemplos: ANO e ANO-PASSADO.

Portanto, os processos de formação dos sinais podem ocorrer através de:

1. **Modificações por adição à raiz:** pela adição de afixos, como a incorporação da negação que é um processo de modificação por adição à raiz porque:

- como **sufixo**, incorpora em alguns verbo: a raiz, que possui um determinado movimento em um primeiro momento, finaliza-se com um movimento contrário, que caracteriza a negação incorporada; como nos verbos:



QUERER



QUERER-NÃO



GOSTAR



GOSTAR-NÃO

- como **infixo**, incorpora simultaneamente a raiz através do movimento ou expressão corporal:



TER



TER-NÃO



PODER



PODER-NÃO

A negação pode ocorrer por processos morfológicos, e por processos sintáticos porque, através dos advérbios 'NÃO' E 'NADA'.



NADA



NÃO

Exemplos 4: EU ESPANHOL SABER-NÃO, ENTENDER NADA.

“eu não sei espanhol, não entendo nada”.



Veja exemplos no DVD

Pode também incorporar o intensificador: “muito” ou advérbios de modo, que alteram o movimento da raiz.

2. Modificação interna da raiz: uma raiz pode ser modificada por três tipos de acréscimo:

a) o da **flexão** que, através da direcionalidade, marca as pessoas do discurso, fazendo com que a raiz se inverta ou até adquira uma forma em arco;

b) o acréscimo do **aspecto verbal** que, através de mudanças na frequência do movimento da raiz marcam os aspectos durativo, contínuo, etc;

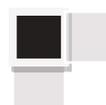
c) o acréscimo de um **marcador de concordância de gênero** que, através de configurações de mãos (classificadores), especifica a coisa: objeto plano vertical/horizontal, redondo, etc

3. Processos de derivação Zero: na Libras, como na língua inglesa, há muitos verbos denominais ou substantivos verbais que são invariáveis e somente no contexto pode-se perceber se estão sendo utilizados com a função de verbos ou de nome.

Exemplos 5: HELICOPTERO / IR-DE-HELICOPTERO; PENTE / PENTEAR; FERRO / PASSAR-COM-FERRO; TELEVISÃO / LIGAR-COM-TELEVISÃO; BANHEIRO / URINAR; METRO / LOCOMOVER-METRO; BICICLETA / ANDAR-DE-BICICLETA; ESCOLA / ESTUDAR; etc.



Veja exemplos no DVD



Alguns destes pares, quando possuem uma marca de concordância com o objeto, apresentam uma estrutura O_iV_i , como o verbo LIGAR-COM-TELEVISÃO; ou apresentam uma diferença em relação ao parâmetro movimento, como os verbos IR-DE-HELICOPTERO, que apresenta um movimento mais alongado, em relação ao substantivo HELICOPTERO, e PASSAR-COM-FERRO, que apresenta um movimento mais repetido e alongado, em oposição ao movimento repetido e retido para o nome FERRO.

4. **Processos de composição:** neste processo de formação de palavra, duas ou mais raízes se combinam e dão origem a uma outra forma, um outro sinal.

Exemplos:



CAVALO^LISTRA-PELO-CORPO “zebra”;



HOMEM^BEIJO-NA-MÃO “pai”



CASA^CRUZ “igreja”;



CASAR^SEPARAR “divorciar”;



COMER^NOITE “jantar”; etc.

2.2 – Os pronomes

Na libras, existe um sistema pronominal que representa as pessoas do discurso, não havendo marcação de gênero.

Quando o pronome está representando o singular, o sinal utilizado é o mesmo para todas as pessoas, o que vai diferenciá-los é a orientação da mão.

Os modos existentes dos pronomes são as formas:



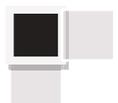
- **SINGULAR, DUAL**(mão no formato do numeral 2);



- **TRIAL** (mão no formato do numeral 3)



- **QUATRIAL** (mão no formato do numeral 4)





- **PLURAL** (fazer o sinal de grupo ou com a mão em configuração e “D” fazendo um semicírculo à frente do sinalizador, apontando para as 2^{as} ou 3^{as} pessoas do discurso).

Há também a possibilidade de omissão da 1^a pessoa do discurso como acontece na língua portuguesa. Neste caso, a compreensão entre as pessoas que estão interagindo será através do contexto.

3.2.1 – Pessoais

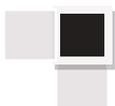
- Na 1^a pessoa do SINGULAR: EU - apontar para o peito do emissor (pessoa que fala)



- Na 1^a pessoa do PLURAL: NÓS-2 / NÓS 3 / NÓS-4 / NÓS-GRUPO / NÓS / NÓS-TOD@S
- Na 2^a pessoa do SINGULAR: você – Apontar para o interlocutor (pessoa com quem se fala).



- Na 2^a pessoa do PLURAL: VOCÊ-2 / VOCÊ-3 / VOCÊ-4 / VOCÊ-TOD@
- Na 3^a pessoa do SINGULAR: EL@ - apontar para uma pessoa que não está na conversa ou local convencionado para a pessoa.





- Na 3ª pessoa do PLURAL: EL@-2 / EL@-3 / EL@-4 / EL@S/EL@S-TOD@S / EL@S-GRUPO.

3.2.2 – Possessivos

Os pronomes possessivos também não possuem marcação de GÊNERO e estão relacionados às pessoas do discurso, não à coisa possuída.

Não existe um sinal específico para os modos: DUAL, TRIAL, QUATRIAL e PLURAL (GRUPO), devendo usar-se, nestas situações, os pronomes pessoais correspondentes. Exemplo.: NÓS AMIG@S (nosso(a)s amigo(a)s).

Para a 1ª pessoa: ME@, podemos usar duas configurações: mão aberta, dedos fechados e batendo levemente no peito e outra – mão em P com dedo meio batendo no peito (ME@-PRÓPRIO)

Exemplos 6:

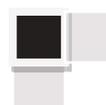
- EU – ME@ GAT@ / ME@ FILH@
- VOCÊ – TE@ CADERNO / TE@ NET@
- EL@ - SU@ MOCHILA / DEL@



Veja exemplos no DVD

3.2.3 – Interrogativos

Os pronomes: **QUE** e **QUEM** – são usados no início da frase. Já **ONDE** e **QUEM** – se for usado no sentido de QUEM-É ou DE QUEM É - são usados no final da frase.





QUE



QUEM



ONDE

Exemplos 7:

- QUEM NASCER BRASIL?
- QUEM FAZER ISSO?
- PESSOA, QUEM-É? Quem é esta pessoa?
- CADERNO DE-QUEM-É? De quem é este caderno?



Veja exemplos no DVD

3.2.4 – Demonstrativos e Advérbio de Lugar

Os demonstrativos bem como os advérbios de lugares estão relacionados às pessoas do discurso e representam, na perspectiva do emissor, o que está PRÓXIMO, PERTO ou LONGE.

Possuem a mesma configuração de mão dos pronomes pessoais, mas se diferenciam quanto ao ponto de articulação e direção do olhar.

Não possuem marca para gênero (feminino e masculino).

Exemplos:

- EST@ / AQUI – olha para a coisa ou lugar apontado, perto da 1ª pessoa.
- ESS@ / AÍ - olha para a coisa ou lugar apontado, perto da 2ª pessoa.
- AQUEL@ / LÁ - olha para a coisa ou lugar apontado, longe/distante.





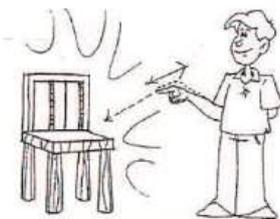
EST@



EU



AQUI



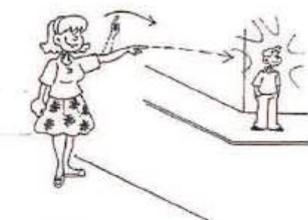
ESS@



VOCÊ



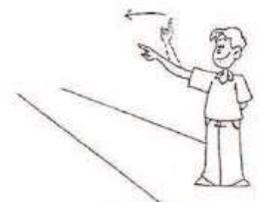
AÍ



AQUEL@



EL@

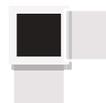


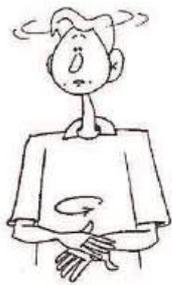
LÁ

(Fonte: Libras em Contexto, FENEIS/MEC-2001)

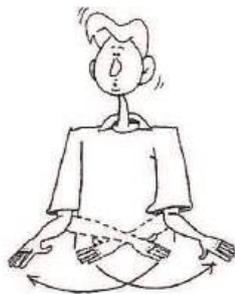
3.2.5 – Indefinidos

- **NINGUÉM** – usado somente para **PESSOAS**.
- **NINGUÉM / NADA / NENHUM**– usado para **PESSOAS, COISAS** e **ANIMAL**.
- **NENHUM / NADA / NINGUÉM** – usado para **PESSOA, ANIMAL** e **COISA**. Pode ter, em alguns contextos, sentido de “**NÃO TER**”.
- **NENHUM-POUQUINHO** – usado para **FRASES NEGATIVAS** e pode vir depois do sinal **NADA**.
- **NADA** – usado para **PESSOAS** e **COISAS**. Pode significar também **POR NADA!** (agradecimento).

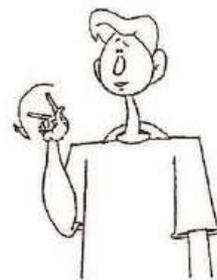




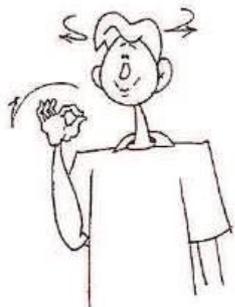
NINGUÉM (ACABAR)



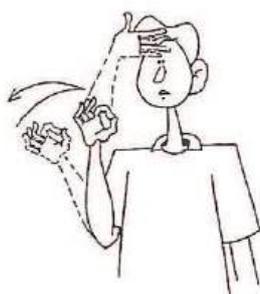
NINGUEM/NADA



DE NADA



NENHUM/NADA



PESSOA NENHUM



NENHUM POUQUINHO

(Fonte: Libras em Contexto, FENEIS/MEC-2001)

2.3 – Os advérbios

2.3.1 – Tempo

Por não haver formas de flexão verbal na Libras, fica entendido que o verbo fica no infinitivo.

O tempo é marcado pelos advérbios de tempo que indicam quando a ação aconteceu.

PRESENTE



HOJE



AGORA

PASSADO



ONTEM



ANTEONTEM

FUTURO



AMANHÃ



FUTURO

2.3.2 – Modo quando incorporados aos verbos

Quando incorporados a alguns verbos, podem, com a mudança de movimento, relacionar-se a um advérbio de modo ou aspecto verbal que acrescenta uma informação à ação verbal.

contínuo

Exemplos 8: EL@ LIVRO LER

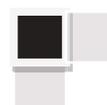
rapidamente



Veja exemplos no DVD

2.4 – Pronomes ou Expressões interrogativas

Os pronomes ou expressões interrogativas sempre são seguidos de uma expressão facial que irá indicar que a frase está na forma interrogativa.



2.4.1 – QUANDO e D-I-A

Exemplos 9:

QUANDO passado

- AMIG@ VIAJAR JOÃO PESSOA QUANDO-PASSADO?

QUANDO futuro

- EL@ PASSEAR CAMPINA GRANDE QUANDO-FUTURO?

D-I-A

- EU ESTUDAR LIBRAS CASA SU@. VOCÊ PODER D-I-A?



Veja exemplos no DVD

2.4.2 – Que-Horas e Quantas-Horas

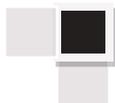
Em Libras usamos dois sinais para horas. Observe abaixo:



HORA – tem sentido de tempo cronológico. É usado com a expressão interrogativa



QUE-HORA? - sempre acrescido de expressão facial para frase interrogativa.



HORAS DO DIA – segue-se com os numerais para quantidade. Após 12 horas, começa-se a contar novamente: **HORA 1**, **HORA 2**, acrescentando o sinal **TARDE**, quando necessário, pois normalmente o sinalizador já sabe que se está tratando de manhã, tarde, noite ou madrugada.

HORA – com sentido de tempo decorrido ou duração, o sinalizador faz círculos ao redor do rosto quando utilizar frases interrogativas e a expressão interrogativa **QUANTAS-HORAS**. Acrescenta-se ainda, expressão facial para frase interrogativa. Este sinal refere-se a tempo gasto para realização de uma determinada atividade. Acrescenta-se os quantificadores, 2, 3 e 4, mas, a partir de 5, não há mais necessidade.

Exemplos 10:

CURSO COMEÇAR QUE-HORA LÁ?

VOCÊ ACORDAR QUE HORA?

ASSISTIR TV QUANTAS-HORAS DIA?

CAMINHAR ESCOLA ATÉ MINHA CASA QUANTAS-HORAS?



Veja exemplos no DVD

2.5 – Numerais

2.5.1 – Cardinais

São feitos com configurações de mãos diferenciadas que não apresentam movimento.

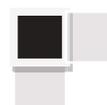
2.5.2 – Ordinais

Do 1º até o 9º os numerais ordinais têm a mesma configuração dos cardinais, mas possuem movimento.

Do 1º até 4º - o movimento é para cima e para baixo.

Do 5º até o 9º - o movimento é para os lados.

A partir do 10º não há diferença entre cardinais e ordinais.



Exemplos 11:

A: SABER EU GANHAR 1º LUGAR MARATONA?

B: SIM, PARABÉNS!



Veja exemplos no DVD

3.3.3 – Numerais para Valores Monetários

De R\$ 1,00 até R\$ 9,00 – usa-se o sinal correspondente a quantidade com um pequeno movimento rotativo ou utilizando a vírgula incorporada a este sinal. Pode-se também usar a valores os sinais de real/reais.

Para valores de 1.000,00 até 9.000,00 também há a incorporação do sinal VÍRGULA, mas aqui o movimento desta incorporação é mais alongando do que os valores anteriores (de 1 até 9 reais). Pode ser usado também para estes valores acima os sinais dos numerais correspondentes seguidos de PONTO.

Para valores de 1.000.000,00 para cima, incorpora-se o sinal VÍRGULA com o numeral correspondente, o movimento rotativo é mais alongado do que em 1.000,00. A expressão facial torna-se gradativa, pois o movimento da vírgula incorporado fica maior e mais acentuado: de 1 a 9 < de 1.000 a 9.000 < de 1.000.000 a 9.000.000.

Quando o valor é centavo, o sinal VÍRGULA vem depois do sinal ZERO, mas, na maioria das vezes, não precisa usar o sinal ZERO para centavo porque o contexto pode esclarecer, ficando estes valores (centavos) iguais aos numerais cardinais.

Exemplos 12:

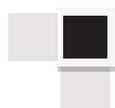
EU GANHAR SALÁRIO R\$ 1.000.00 ESCOLA PRIVADA.

EL@ COMPRAR 1 CAMISA POR R\$ 9,00 E LEVAR 5 POR 40,00

AMIG@ MEU GANHAR MEGA SENA R\$ 2 MILHOES E VIAJAR MUNDO TODO.



Veja exemplos no DVD



CAPÍTULO III

ESTRUTURA GRAMATICAL DA LIBRAS 2

3.1 – Os adjetivos

São sinais que formam uma classe específica na Libras, ficando sempre na forma neutra, por isso, não marcam o gênero (masculino e feminino), e número (singular e plural).

Muitos adjetivos são descritivos e classificadores e apresentam iconicamente uma qualidade do objeto. São normalmente desenhados no ar ou mostrados a partir do objeto ou do corpo do emissor.

Se compararmos com o português, ao se referir a um objeto arredondado, quadrado, listrado, os falantes desta língua, também, estão descrevendo e classificando. Já em Libras esse processo é mais “transparente” porque o formato ou textura são traçados no espaço ou no corpo do emissor, em uma tridimensionalidade permitida pela modalidade da língua.

Na frase, os adjetivos geralmente vêm após o substantivo que qualifica.

Exemplos 13:

PASSADO EU MAGR@ POUCO-COMER, AGORA EU GORD@ NÃO PARAR COMER

PAPAGAI@ COR CORPO VERDE PERIGOS@

GAT@ PEQUEN@, COR BRANC@, DENGOS@

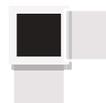


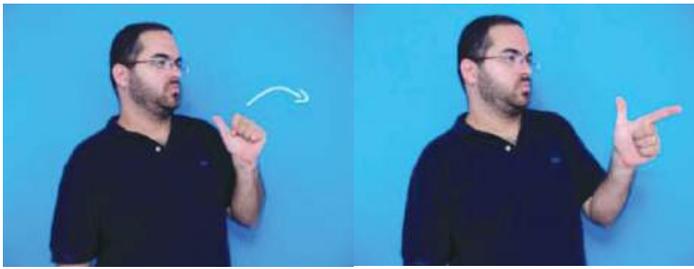
Veja exemplos no DVD

3.2 – Os Comparativos

3.2.1 - Igualdade, Superioridade e Inferioridade

As qualidades em Libras podem ser comparadas a partir de três situações: superioridade, inferioridade e igualdade.





SUPERIORIDADE



INFERIORIDADE



IGUALDADE

Nos comparativos de superioridade e inferioridade, usam-se os sinais MAIS ou MENOS antes do adjetivo comparado, seguido da conjunção comparativa DO-QUE:

- comparativo de superioridade: X MAIS ----- DO-QUE Y;
- comparativo de inferioridade: X MENOS ---- DO-QUE Y.

Para o comparativo de igualdade, usam-se dois sinais: IGUAL (dedos indicadores e médios das duas mãos roçando um no outro) e IGUAL (duas mãos com configuração em B, viradas para frente encostadas lado a lado, com leve movimento de bater). Geralmente usados no final da frase.



Exemplos 14:

VOCÊ MAIS VELH@ DO-QUE EL@

VOCÊ MENOS VELH@ DO-QUE EL@

VOCÊ-2 BONIT@ IGUAL (me)

IGUAL (md)



Veja exemplos no DVD

3.3 - A forma condicional SI (SE)

A Frase com a forma condicional é iniciado em Libras, pelo sinal soletrado “S-I” para estabelecer a relação de condição.

Exemplos 15:

VOCÊ IR FEIRA HOJE?

SI CHOVER NÃO, EU IR.



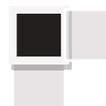
Veja exemplos no DVD

3.4 – MAIS e seus contextos

Veja os exemplos 16 a seguir:



- **MAIS (acrécimo).** COMPRAR PÃO 10, MAIS PÃO DOCE 4.





- **MAIS (soma).** AULA MATEMÁTICA, PROFESSOR ENSINAR ALUNO, 2 + 2, SOMAR 4.



- **MAIS (exagero).** VOCÊ MANIA COMPRAR, COMPRAR, COMPRA ROUPA EXEGERO.



- **MAIS (quantidade).** EU QUERER COMER ALMOÇO MAIS!



- **MAIS (superlativo).** VOCÊ MAIS BONITA, ELA FEI@.



- **MAIS-PARÁ-LÁ/FALTA MAIS.** EU DIRIGIR, PERGUNTAR AMIGO, JÁ PERTO CHEGAR. AMIGO RESPONDER, NÃO, FALTA MAIS.



Veja exemplos no DVD

3.5 – Os tipos de verbos

Há dois tipos de verbos em Libras:

a) **Os que não possuem marca de concordância.** Quando fazemos uma frase com esse tipo de verbo, é como se ele ficasse no infinitivo.

Exemplos 17:

- (1) EU TRABALHAR UFPB “eu trabalho na UFPB”;
- (2) EL@ TRABALHAR UFPB “ele/a trabalha na UFPB”;
- (3) EL@ TRABALHAR UFPB “eles/as trabalham na UFPB”.



Veja exemplos no DVD

b) **Os que possuem marca de concordância.** Podem ser subdivididos em:

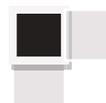
1. **Verbos que possuem concordância número-pessoal:** a orientação marca as pessoas do discurso. O ponto inicial concorda com o sujeito e o final com o objeto.

Exemplos:



- (4) $1sDAR_{2s}$ “eu dar a você”; (5) $2sDAR_{1s}$ “você me dá”

2. **Verbos que possuem concordância de gênero:** são verbos classificadores porque a eles estão incorporados, através da configuração de mão, uma concordância de gênero: PESSOA, ANIMAL ou COISA.



Exemplos:



(6) peessoaANDAR (configuração da mão em G);



(7) veículoANDAR/MOVER (configuração da mão em 5 ou B, palma para baixo)



(8) animalANDAR (configuração da mão em 5 ou S, palma para baixo);

3. Verbos que possuem concordância com a localização: são verbos que começam ou terminam em um determinado lugar que se refere ao lugar de uma pessoa, coisa, animal ou veículo, que está sendo colocado, carregado, etc. Portanto, o ponto de articulação marca a localização.

Exemplos 18:

(9) COPO MESA_k coisa arredondada COLOCAR_k;

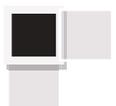
(10) CABEÇA_k ATIRAR_k.



Veja exemplos no DVD

Estes tipos de concordância podem coexistir em um mesmo verbo. Assim, há verbos que possuem concordância de gênero e localização, como o verbo COLOCAR acima; e concordância número-pessoal e de gênero, como o verbo DAR.

- | | | |
|------------------------------------|----|--------------------------------|
| 1. concordância número-pessoal | => | parâmetro orientação |
| 2. concordância de gênero e número | => | parâmetro configuração de mão |
| 3. concordância de lugar | => | parâmetro ponto de articulação |



CAPÍTULO IV

ESTRUTURAÇÃO FRASAL

4.1 – Os tipos de frases

4.4.1 – Afirmativa



A expressão facial neutra.

Ex.: MEU NOME B-E-R-N-A-R-D-O

EL@ PROFESSOR

4.4.2 – Interrogativa

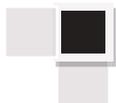


Sobrancelhas franzidas e um ligeiro movimento da cabeça inclinando-se para cima.

Ex.: VOCÊ CASAD@?

NOME QUAL?

NOME?



4.4.3 – Exclamativa



Sobrancelhas levantadas e um ligeiro movimento da cabeça inclinando-se para cima e para baixo.

Ex.: CARRO BONIT@!

CASA LIND@!

4.4.4 – Negativa



Pode ser feita de três formas:

1) Com o acréscimo do sinal NÃO à frase afirmativa.

Exemplos:

BLUSA FEI@ COMPRAR NÃO.

EU OUVIR NÃO

PRECISAR / PRECISAR-NÃO.

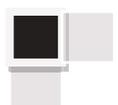
2) Com a incorporação de um movimento contrário ao sinal negado.

Exemplos:

GOSTAR / GOSTAR-NÃO

GOSTAR-NÃO CARNE, PREFERIR FRANGO, PEIXE.

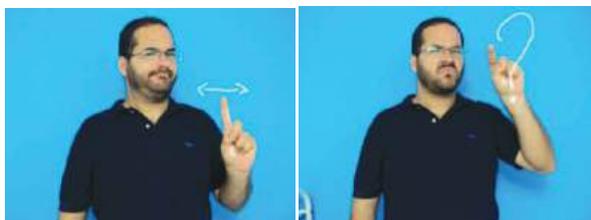
3) Com um aceno da cabeça que pode ser feito simultaneamente com a ação que está sendo negada ou juntamente com os processos acima.



Exemplos:

PODER / PODER-NÃO

EU VIAJAR PODER(neg)



4.4.5 – Negativa/Interrogativa

Sobrancelhas franzidas e aceno da cabeça negando.

Exemplos:

CASAD@ EU NÃO?



4.4.6 – Exclamativa/Interrogativa

Exemplos: VOCÊ CASAR?!



Veja exemplos dos tipos de frases no DVD

4.2 – As expressões faciais gramaticais e afetivas

Os falantes das línguas orais ou gestuais à linguagem não-verbal para se expressarem. Muitas vezes utilizam diferentes estratégias para que aconteça a comunicação, como gestos e outros recursos, como apontar, desenhar etc.

As expressões faciais naturalmente fazem parte da condição comunicacional humana e podem expressar intenções, emoções, sentimentos para a pessoa que comunicamos (interlocutor). São utilizadas em todas as línguas, mas, nas línguas de sinais, desempenham papel de muitíssima importância.

Podemos enquadrá-las em dois segmentos:

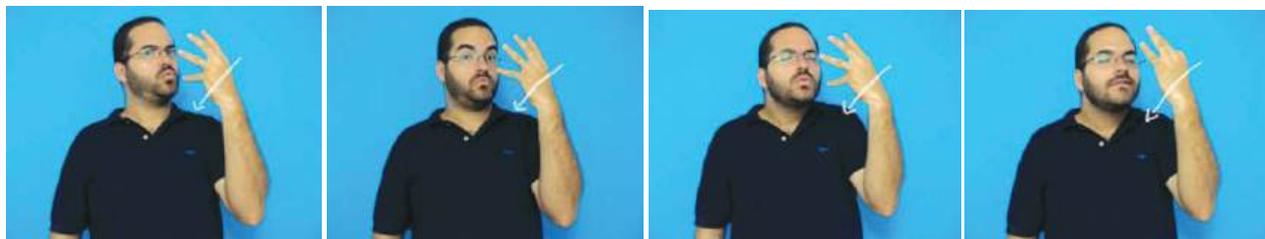
1. **Expressões faciais afetivas** – utilizadas para expressar sentimentos (dor, tristeza, alegria, mágoa, angústia, ansiedade, etc.) utilizados com um ou vários itens lexicais;
2. **Expressões faciais gramaticais** – relacionam-se a algumas estruturas gramaticais, exclusivas das línguas de sinais, tanto no nível morfológico quanto na sintaxe, possuindo obrigatoriedade em determinadas construções, como veremos no próximo subitem. Essas estruturas envolvem os movimentos de cabeça (afirmativo, negativo) a direção do olhar, a elevação das sobrancelhas, elevação ou abaixamento da cabeça, testa franzida, piscar de olhos ou movimentos de lábios que podem indicar negação e que diferenciam os tipos de interrogativas.

As expressões faciais pertencem a um conjunto de marcações não-manuais e acompanham determinadas estruturas que possuem intenções definidas.

A. **No nível morfológico** – estão relacionadas ao grau e mostram a intencionalidade do sinal que se produz.

- **Nos adjetivos** – associam-se ao grau de intensidade.

Exemplos:

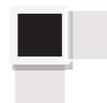


BONITO

BONITINHO

MAIS BONITO

BONITÃO



- **Ter função adjetiva** – incorporam-se ao substantivo independente da produção do adjetivo.

Exemplos:



CASA

CASINHA

MANSÃO

A marcação de grau apresenta um padrão quando há variação gradual.

Exemplos de **grau de intensidade**:

- Normal / Mais intenso do que o normal / Muito mais intenso

Exemplos de **grau de tamanho**:

- Muito menor do que o normal / menor do que o normal / normal.

B. No nível da sintaxe – são responsáveis por determinadas construções, como sentenças negativas, afirmativas, interrogativas, condicionais, relativas, construções em foco e tópico.

4.3 – Sentenças negativas, interrogativas, afirmativas.

4.3.1 – Sentenças negativas – há negação com elemento negativo explícito.



NADA



NÃO



NUNCA

4.3.2 – **Sentenças interrogativas** – apresentam intenção de obter alguma informação desconhecida. Exigem informações relativas ao argumento por meio de expressões interrogativas.



O QUE



COMO



QUEM



PORQUE



QUANDO



QUANTO

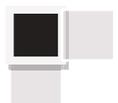
4.3.3 – **Sentenças afirmativas** – expressão ideias ou ações afirmativas.



EU VOU ESTUDAR

4.4 – Construções com aspectos: tópico e foco

4.4.1 – **Tópico** – organiza de forma diferente o discurso e retoma o assunto que se desenvolverá no discurso.





TÓPICO

Exemplos 19:

FRUTAS, EU GOSTO DE BANANA.



Veja exemplos no DVD

4.4.2 – **Foco** – introduz no discurso uma informação nova que pode estabelecer contraste, adicionar uma nova informação ou dá ênfase a algo.



FOCO

Exemplos 20: MARIA COMPROU UM CARRO (informação errada). NÃO, **PAULO** COMPROU O CARRO. (Foco = Paulo).



Veja exemplos no DVD

4.5 - Estrutura da sentença em Libras: SVO como ordem básica, SOV, OSV e VOS como ordens possíveis.

Os estudos de Felipe (1989) e Ferreira-Brito (1995) mostram que, nas línguas de sinais, há diferentes possibilidades para a ordenação dos sinais na sentença. Porém, as autoras observam

que a ordem básica é S(sujeito) V(verbo) O(objeto) – SVO. Essa ordem é bastante natural em Libras e são sempre consideradas gramaticais. Mas também são possíveis as construções OSV / SOV e VOS.

Exemplos 21:

Construções SVO.

MARIA ASSISTIR NOVELA

SYLVIA CONHECER RIO JANEIRO

ELE TRABALHAR MATEMÁTICA.

Construções OSV

FUTEBOL JOÃO GOSTAR

Construções SOV

JOÃO FUTEBOL GOSTAR

Construções VOS

GOSTAR FUTEBOL MENINO



Veja exemplos no DVD

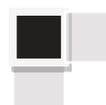
Olá, aluno (a)!

Esperamos que você tenha aproveitado bem a disciplina de Libras II. Tivemos muitas informações importantes para você ampliar seus conhecimentos sobre a Língua Brasileira de Sinais

Na próxima disciplina de Libras, agora Libras III, você irá aprofundar seus conhecimentos e iniciar novas práticas, assim, vai poder perceber cada vez mais a importância da língua brasileira de sinais para a pessoa surda, seja em sua vida escolar, familiar, social e profissional.

Agradecemos sua participação e esperamos que continuem com o mesmo interesse na nova disciplina.

Boa sorte e bons estudos!



REFERÊNCIAS

BRASIL. **Portaria do MEC. nº 1.679**, de 2 de dezembro de 1999, Art.1º e Art.2º, parágrafo único.

BRASIL, Lei nº **10.436 de 24 de abril de 2002**. Disponível em: <http://www.mec.gov.br/legis/pdf/lei10436.pdf>

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Decreto Nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005**. Regulamenta a Lei Nº 10.436, de 24 de abril de 2002.

_____. Programa de capacitação em recursos humanos do ensino fundamental. **A Educação de Surdos**. Volumes 1, 2 e 3. Série atualidades pedagógicas. MEC/SEESP. Brasília, 1997.

BRASIL, Secretaria de Educação Especial. **Língua Brasileira de Sinais**. (Série Atualidades Pedagógicas, n.4). BRITO, L.F. *et.al.*(Org.). V.3. Brasília: SEESP, 1998. 127p.

_____. Ministério da Educação. **Diretrizes nacionais para a educação especial na educação básica /** Secretária de Educação Especial – MEC; SEESP, 2001.

FELIPE, T.A. **Libras em contexto**: curso básico, livro do estudante cursista. Brasília: Programa Nacional de Apoio à Educação dos Surdos, MEC; SEESP, 2001. 164p.

GESSER, A. **Libras? Que língua é essa?** Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

GOLDFELD, M. **A criança surda**: linguagem e cognição numa perspectiva sócio-interacionista. São Paulo: Plexus, 1997. 176p.

KOJIMA, C. K. e SEGALA, S. R. **Libras – Língua Brasileira de Sinais**: a imagem do pensamento. Volumes 1, 2, 3, 4 e 5. São Paulo: Editora Escala, 2008.

HONORA, M. e FRIZANCO, M.L.E. **Livro Ilustrado de Língua Brasileira de Sinais**: desvendando a comunicação pelas pessoas usadas com surdez. São Paulo: Ciranda Cultural, 2009.

QUADROS, R. de. **Educação de Surdo**: A Aquisição da Linguagem. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

_____, R. KARNOPP, L. **Língua de Sinais Brasileira**: estudos linguísticos. Porto Alegre: Artes Médicas, 2004.

COMPLEMENTAR:

BRITO, L.F. **Por uma gramática de Línguas de Sinais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro - UFRJ, Departamento de Linguística e Filologia, 1995. 271p.

FERNANDES, E. **Linguagem e Surdez**. Porto Alegre: Artmed, 2003. 155p.

FERNANDES, E. (org.) **Surdez e bilingüismo**. Porto Alegre: Ed. Mediação, 2005.

FINGER, I.; QUADROS, R. M. **Teorias de aquisição da linguagem**. Florianópolis. ED. da UFSC, 2008.

LACERDA, C.B.F. de. **Intérprete de Libras**: em atuação na educação infantil e ensino fundamental. Porto Alegre: Mediação / FAPESP, 2009. 96p.

LODI, A.C.B. *et al.* orgs. Letramento e minorias. Alegre: Mediação, 2002. 160p.

LODI, A.C.B.; HARRISON, K.M.P. e CAMPOS, S.R.L. de. orgs. **Leitura e escrita no contexto da diversidade**. Porto Alegre: Mediação, 2004. 112p.

LODI, A.C.B. e LACERDA, C.B.F. de. orgs. **Uma escola duas línguas**: letramento em língua portuguesa e língua de sinais nas etapas iniciais de escolarização. Porto Alegre: Mediação, 2009. 160p.

QUADROS, R. de **Estudos Surdos I, II, III e IV**. Série Pesquisas. Petrópolis. Ed. Arara Azul, 2008. (3 livros)

SITES

www.ines.org.br

www.feneis.org.br

www.surdosol.com.br

www.portal.mec.gov.br

www.acessobrasil.org.br/libras

